

1

BASH

Um ano antes...

Encontro-me preso num aeroporto e toda a gente me irrita. — Estamos outra vez atrasados, mas é tão bonito lá fora que nem me importo — cantarola uma voz, da fila de cadeiras de napa azuis atrás de mim. É uma bela voz. Rica, calma e, a julgar pela forma como tagarela ao telefone, nada frustrada por continuar encalhada numa tempestade de neve. — Sinto-me como se estivesse a viver num globo de neve ou assim.

Respiro, fletindo os punhos sob os braços cruzados. Há três horas que esperamos para embarcar e esta mulher nem se importa.

E acredito nela. Nem me dou ao trabalho de olhar na sua direção, mas percebo pelo tom, pelo espanto que se infiltra em cada palavra, que nunca viu neve e descreveria este pesadelo como *acolhedor*.

— Sim, sinceramente... é acolhedor.

Pois. Aí está. Quem quer que ela seja, gosta disto.

Deve ser agradável, porque estou prestes a saltar da própria pele. Gente a espirrar sem cobrir o rosto, bebês a chorar, o cheiro a *bagels* velhos. Dei voltas como um tigre a deambular pela jaula e já nem isso me alivia a tensão.

Só mesmo Vancouver para ser o único lugar no Canadá que não sabe lidar com uma tempestade de neve. E nem é assim *tão* má.

O aviso dos altifalantes atravessa o burburinho baixo da sala de espera da Porta 82.

— Atenção, todos os passageiros a aguardar embarque no voo 2375 da Air Acadia com destino a Calgary. Lamentamos informar que o vosso voo foi cancelado e remarcado para amanhã de manhã. Deverão receber um *e-mail* em breve com a informação atualizada. Por favor, dirijam-se a um agente de reservas se precisarem de mais assistência. Agradecemos a paciência e a compreensão e estamos ansiosos por vos servir.

Um gemido coletivo atravessa o espaço. Segue-se uma fiada de anúncios a transmitir a mesma mensagem às portas vizinhas: ninguém sai daqui esta noite.

Deixo descair a cabeça para trás contra o topo metálico da cadeira e exalo um suspiro exausto. Foi uma semana desastrosa e isto é simplesmente o pão que faz de toda ela uma sanduíche de merda.

Esvaziava a conta bancária só para dormir na minha cama esta noite. Para estar sozinho com alguma maldita paz e sossego. Para descomprimir.

Em vez disso, estou totalmente comprimido. Cada músculo parece tenso, e doem-me os maxilares de tanto os cerrar. Até os meus pulmões parecem apertados.

Era a última coisa de que precisava depois de ter todo o meu mundo virado do avesso.

— Sim, cancelado. — Aquela voz demasiado feliz flutua na minha direção. — Não faz mal. É o que é. Vou tirar o máximo partido disto! Quando a vida nos dá limões...

Espreme-nos o ácido diretamente para os olhos.

Levanto-me.

Uma espreitadela por cima do ombro revela uma cabeleira de ondas platinadas a cair sobre o rosto da mulher enquanto vasculha uma mochila demasiado grande, com o telemóvel encostado ao ouvido.

Baixo as sobranceiras quando se ri de seja o que for que a pessoa no outro lado da linha disse. Abano a cabeça enquanto viro costas e iço a mala para o ombro, decidindo que está demasiado feliz. Não é normal.

Por alguma razão, a sua alegria azeda-me ainda mais a disposição. Assim, com os meus passos pesados a ecoar no chão de betão polido, dirijo-me ao balcão do agente de reservas para ver se há alguma maneira de conseguir sair daqui.

Esperar na fila não atenua a minha irritação. Acontece que não sou o único de mau humor. Um furioso homem de meia-idade à minha frente passou de agitado a ter um verdadeiro colapso. Aponta o indicador à agente de atendimento ao cliente de nervos em franja, exigindo-lhe que resolva isto — como se tivesse sido ela a criar a tempestade de neve.

Está zangado por causa das malas. Está zangado com a falta de alojamentos disponíveis. Está zangado com a hora madrugadora do novo voo.

Também me sinto zangado, mas não ataco ninguém por isso. E quanto mais vejo, mais me zango com o real cretino que este gajo é.

As faces da rapariga ensombram-se, e treme-lhe o lábio inferior. Quando os seus olhos se marejam enquanto se encolhe ante a tirada, decido que já chega.

— Companheiro. — Projeto a voz grave na direção do balcão. — Os azares acontecem. Não deve falar assim com ela.

Viram-se cabeças na minha direção, incluindo a do homem de rosto vermelho.

— Desculpe? — A sua papada vibra de fúria, o seu lábio arreganhado sob o basto bigode enquanto me semicerra os olhos. Dá-me a sensação de que não está habituado a que o repreendam.

Encolho os ombros. Parecer indiferente é a derradeira afronta para alguém que brande o seu poder de forma tão depreciativa.

— Vá dar uma volta — digo, num retumbar grave. — É o que é.

— É o que é? — Esubugalha os olhos, o seu rosto redondo a adquirir um tom ainda mais profundo de vermelho.

Nem acredito que acabo de usar a frase daquela mulher com este gajo, mas estou a divertir-me à brava a confrontá-lo. Por isso tomo outro sentimento emprestado à Menina Feliz.

— Sim, quando a vida lhe dá limões, não seja um cretino com o pessoal de atendimento. Ou algo parecido.

O homem olha-me fixamente, e faço o mesmo. O seu olhar varre a minha camisa de flanela aos quadrados favorita, descendo depois pelas calças de ganga pretas até às botas de cabedal. Sou mais alto do que ele e, apesar de já lá irem alguns anos desde que dei um soco, sou bem capaz de o fazer. Posso estar quase nos quarenta, mas a minha forma é excelente, e talvez soubesse bem descarregar esta tensão.

Os seus olhos redondos e brilhantes saltitam pela multidão silenciosa, como que a avaliar quão grande seria a vergonha que passaria (a resposta é muito grande). Deve aperceber-se de que não sou um alvo fácil, pois vira-se de novo para a mulher atrás do balcão — que parece deveras chocada — e recolhe o seu bilhete em papel do tampo antes de se afastar tão depressa quanto as suas pernas furiosas lhe permitem.

Vê-lo partir todo ofendido faz com que os meus lábios se curvem.

E eu a pensar que nada me faria sorrir esta noite.

Embora o seu tímido *obrigada* me toque um pouco o coração, a minha conversa educada com a agente não melhora — os hotéis mais próximos não têm vagas, devido a outros cancelamentos, e a partida do nosso voo foi reagendada para as seis da manhã.

São 23:08, o que significa que, quando conseguir atravessar o trânsito infernal da cidade e arredores até um lugar com uma vaga, bem poderei dar meia-volta, visto que terei de passar de novo pelo controlo de segurança. A única solução razoável é dormir num banco do terminal.

Tudo nesta noite é uma treta, mas engulo a frustração como um homem a sério e agradeço-lhe pela ajuda antes de me afastar a fim de procurar um sítio onde me instalar para passar a noite.

Pernas cansadas levam-me através do aeroporto à procura de um lugar onde me possa pôr na horizontal durante algumas horas. Anos a combater incêndios florestais ativos deixaram-me com a estranha capacidade de dormitar em praticamente qualquer sítio e de funcionar com pouco sono. Os incêndios não querem saber da nossa hora de deitar e gostam muitas vezes de dar o seu pior depois de escurecer, por isso não me é estranho dormir em sítios desconfortáveis.

Só que não fui o único a resignar-se a dormir no aeroporto.

Paro, de mãos nas ancas, em busca de um mero canto vago, mas o espaço parece uma maldita pousada, com gente e malas espalhadas por toda a parte.

O único local onde os meus olhos pousam que tem um espaço livre é o bar. Uma solitária mesa para dois, enfiada ao lado do corredor que conduz à casa de banho. Não é glamoroso, mas é algo. E uma bebida parece-me aconselhável neste momento.

Não me dou ao trabalho de perguntar se está livre. Limito-me a passar pela receção deserta e a reivindicar o meu território. E na hora certa, a julgar pela torrente de pessoas que se aproxima e perscruta o restaurante como se pudesse fazer surgir um lugar vago. Mas as esperanças são vãs. O balcão do bar está a abarrotar, com um caos de malas a atravancar o chão. Empregados frenéticos correm por entre as mesas, lutando para acompanhar a inesperada hora de ponta de segunda-feira à noite.

Sinto-me mal por eles também, por isso pego no telemóvel e navego enquanto espero — não é como se tivesse algum sítio aonde ir. As notícias sobre a tempestade de neve e o caos que está a causar no Pacífico Noroeste fazem-me abanar a cabeça. Em quase qualquer outra cidade canadiana, isto não seria um problema. Mas aqui? Não há limpa-neves que cheguem. Não há descongeladores suficientes.

Enquanto repreendo interiormente um grande aeroporto, uma voz chama-me a atenção.

O som arranca-me à minha espiral.

Ergo o olhar e ali está ela. A rapariga da limonada.

Mulher.

Porque não há nada de ameninado nela. Move-se com uma naturalidade confiante, usando as suas curvas suaves e femininas como se as tivesse inventado. E aquela voz? É tudo menos de menina. É toda adulta. Não é frívola nem demasiado animada. É mel e especiarias, suave com um laivo de ardor — quase sensual sem sequer tentar.

— Nem um lugar em todo o espaço?

Está agora um rapaz na receção que mal parece ter idade para trabalhar aqui. Olha para ela e vejo que não é imune ao rosto em forma de

coração com lábios também em forma de coração. Parece pronto para lhe fazer ele mesmo uma cadeira, só para lhe dar um sítio onde se sentar.

Enquanto o seu olhar perscruta o restaurante, ele observa-a, arrebatado. E sigo-lhe o exemplo.

Não admira que esteja praticamente ofegante. Acaba de se deparar com uma Marilyn Monroe dos tempos modernos — mas ainda mais roliça. Soltas ondas platinadas caem junto a umas faces cheias e a um nariz de botão. Mas são os seus grandes e azuis olhos de corça que desferem um verdadeiro pontapé no estômago. São tão vibrantes que juro que tendem para um tom de lavanda.

Mudo de posição na cadeira e volto a focar-me no telemóvel. Sou demasiado velho para me pôr a olhar embasbacado para uma rapariga bonita no aeroporto. Consultar as notícias é mais apropriado.

— D-desculpe. Oxalá pudesse...

Oiço-o tropeçar nas palavras e rio-me.

Pobre miúdo.

— Oh, não peça desculpa. Na verdade, estou a ver um lugar além. Obrigada pela ajuda.

Suspiro baixinho. Ajuda. Que generoso da sua parte.

— Qual é a graça?

Volto a ouvir aquela voz, desta vez mais perto. E quando ergo o olhar, ela está à minha frente.

E raios se, por um momento, não fico tão de língua presa como o miúdo de que ainda há pouco me ria. Olho para ela, sentindo-me capaz de me retorcer sob o peso do seu olhar cheio de alma.

Resmungo um «nada» irritado para disfarçar a reação de resto estarrecida.

Tinha-a achado bonita, mas estava errado — é deslumbrante, caramba.

Os seus lábios curvam-se num sorriso quase sabedor.

— Ótimo. Odiaria sentar-me com um desconhecido que se ri sozinho por nada.

— Perdão? — pergunto, confuso.

Mas toda a confusão se desvanece quando a mulher afasta a cadeira à minha frente da mesa e se senta.

Sem ser convidada.

— Não te importas, pois não?

Endireito-me, um pouco desconcertado com a... familiaridade? Cordialidade? Não sei como o definir, mas desnorteia-me. Não sou o tipo de homem que faz conversa com estranhos. Que raio, mal gosto de conversar com as poucas pessoas que considero amigas.

— E se estiver mais alguém aí sentado? — resmungo, não muito confortável com a natureza inesperada deste encontro. Ou com o quanto a acho atraente.

Ela pousa a mochila no chão com uma risada rouca, divertida. Quando se endireita, não parece de todo desconfortável, apoiando o cotovelo na mesa e o queixo na palma da mão.

— Não está mais ninguém aqui sentado.

Cruzo os braços e recosto-me na cadeira, criando algum espaço entre nós.

— Como sabes?

Ela inclina a cabeça, as luzes do teto a realçarem-lhe as maçãs do rosto.

— Nenhuma mala. Nenhum telemóvel. E irradia uma bela energia do tipo «fica longe daqui».

Arqueio uma sobrancelha incrédula à mulher.

— Energia «fica longe daqui»?

Ela lança-me um sorriso cúmplice.

— Sim. Se fosses uma casa, defumava-te.

Ah, mais charlatanices naturais do tipo fazer limonada, sal da terra e essas merdas. Exatamente o que me apetecia.

Mordo o interior da boca para me impedir de rir, e suspeito que ela capta o meu cinismo, mas limita-se a estender o braço sobre a mesa. A mesma tatuagem que vi antes prende-me o olhar enquanto delicadas gavinhas e folhas se estendem na minha direção.

Franzo-lhe o sobrolho à mão, o que me vale uma risada gutural.

— Olá — diz então. — Obrigada por me convidares a juntar-me a ti. Chamo-me Gwen, e tu?

Volto a erguer o olhar e os seus olhos cintilantes esvoaçam entre os meus, uma covinha a aprofundar-se na sua face direita enquanto a fulmino com o olhar. Juro por Deus que se diverte a irritar-me.

Assim, para lhe estragar a diversão, pego-lhe na mão com uma resposta brusca.

— Olá. Sou o Bash. E acho que as nossas definições de *convidar* podem ser demasiado diferentes.

A Gwen ergue um ombro, ligeiramente.

— Talvez o destino desta cadeira fosse estar vazia.

Estreito os lábios.

— Sim. Claro.

Ri-se baixinho, abanando a cabeça como se eu a fascinasse.

— E, no entanto, aqui estou eu. E sabes o que se diz... Quando a vida nos dá limões... — Pisca-me o olho e as minhas calças de ganga parecem-me ligeiramente mais apertadas à frente.

Flito o maxilar, mas lanço o meu melhor olhar aborrecido à mulher sentada à minha frente, numa patética tentativa de disfarçar a minha reação absolutamente infantil.

— E se eu quisesse limas? — questiono no momento em que um empregado atrapalhado aparece junto à nossa mesa.

— O que posso servir-vos? — pergunta, ofegante.

De olhos fixos nos meus e com aquela boca bonita curvada num sorriso sabedor, a Gwen — a intrusa — não perde um instante.

— Oh, graças a Deus que está aqui. Este homem precisa desesperadamente de uma margarita de lima. Extra-ácida.